

M.P.L.A  
(CIR)

Manual de história  
de Angola  
(grupo A)

edição 1969



## I N T R O D U Ç Ã O

África é o berço, ou pelo menos, um dos berços, da Humanidade. Com efeito, foi em África que se encontraram os fósseis (restos de ossos) dos homens antigos, datando de 1 milhão de anos.

HISTÓRIA DA HUMANIDADE é o estudo do modo de vida e dos principais acontecimentos que agitaram a Humanidade ao longo dos séculos.

A História da Humanidade divide-se em dois períodos, ou grandes épocas: Pré-História e História.

1) Pré-História é a época mais antiga da História da Humanidade. Foi também a época mais longa, pois durou uns 995.000 anos; corresponde ao tipo de sociedade mais antigo, o COMUNISMO PRIMITIVO.

A palavra "pré" significa "antes de", e portanto "pré-história" significa "antes da história". Porquê? Porque no tempo da Pré-História não existia a escrita, os homens não sabiam ler nem escrever, e por consequência não deixaram documentos escritos. Ora isso é muito importante, porque os documentos escritos são a fonte principal do estudo da História; se não existem documentos escritos, não se pode saber muito do que se passou naqueles tempos. Portanto, e como a História só começou com o aparecimento da escrita, todo o período anterior ao aparecimento da escrita é Pré-História (antes da História).

Pelo facto de não ter existido a escrita no tempo da Pré-História, podemos concluir que não se pode saber nada sobre este período? Não. Nós podemos saber muitas coisas importantes da Pré-História através dos objectos que os Povos dessa época usavam, através da tradição oral (histórias contadas pelos mais-velhos), etc. etc. Assim a Pré-História também faz parte da História da Humanidade.

A Pré-História, por seu lado, divide-se em três períodos:

- a) período da pedra lascada
- b) período da pedra polida
- c) período dos metais (cobre, bronze e ferro)



No primeiro período os homens utilizavam como instrumentos de trabalho paus e pedras talhadas (pedras afiadas). Os homens deste período foram sobretudo caçadores, vestiam-se de peles de animais, viviam em grutas e descobriram o fogo.

No segundo período, as armas e os utensílios de pedra foram polidos. Os homens começaram a cultivar a terra, domesticar os animais e fazer obras de olaria (panelas de barro, etc.) e tecelagem (tecidos). Os ossos eram também usados para se fazerem anzóis, agulhas, etc.

No terceiro período, os homens descobrem como fundir (derreter) e trabalhar os metais fazendo assim objectos cada vez mais aperfeiçoados, que substituíram totalmente os antigos objectos de pedra. Este terceiro período significa já a transição da pré-história para a história, e que alguns historiadores chamam PROTO-HISTÓRIA.

2) História é a época actual e que tem início com o aparecimento da escrita, há uns 4.000 ou 5.000 anos.

Assim como a Pré-História corresponde ao Comunismo Primitivo, a História corresponde à ESCRAVIDADE, ao FEUDALISMO, ao CAPITALISMO e ao SOCIALISMO.

O Povo angolano, como todos os outros povos do mundo, conheceu a Pré-História e a História.

A História de Angola está profundamente marcada pela chegada dos colonialistas, de tal forma que deve dividir-se a História de Angola em duas grandes épocas ou idades: Idade pré-colonial (antes da chegada dos colonialistas) e Idade colonial (depois da chegada dos colonialistas). Finalmente em 1961 tem início uma nova e grandiosa época, a da Revolução.

Como o Povo angolano não conhecia a escrita (ou talvez conhecesse uma escrita, mas muito rudimentar e pouco difundida), a Idade pré-colonial correspondente à Pré-História e a Idade colonial e a época da Revolução correspondem à História.

Porquê nos devemos conhecer a História? Porque a História ensina-nos muitas coisas antigas, mas que têm grande interesse

para compreendermos o momento presente e prevermos o futuro.

A História de Angola dá-nos a conhecer a vida do Povo de Angola, sua luta pelo progresso (avanço), sua luta contra a invasão estrangeira, mostrando-nos a enorme força e coragem do Povo angolano, ao mesmo tempo que nos dá coragem para continuarmos hoje a luta que os nossos mais-velhos iniciaram.

Mas ao mesmo tempo a História de Angola explica-nos porque motivo nós perdemos a guerra no passado, e ensina-nos a corrigir os erros antigos para vencermos desta vez.

As várias Histórias de Angola feitas pelos colonialistas portugueses estavam totalmente falsificadas porque eles queriam "provar" que nós não sabíamos nada, que éramos incapazes de nos governarmos e que nós só podíamos viver em paz enquanto fôssemos explorados e massacrados por eles.

Por isso é dever do partido nacionalista angolano, o MPLA fazer uma nova História de Angola, contando unicamente a Verdade.

A Verdade reabilitará o Povo angolano e servirá de poderoso instrumento na nossa luta de libertação nacional.



## I. IDADE PRÉ-COLONIAL

Esta é a época anterior à chegada dos colonialistas, numa altura em que os vários povos que hoje constituem o Povo Angolano viviam livres e se governavam a si mesmos.

Ao contrário do que dizem os colonialistas, esta não é uma época de extrema confusão, de guerras perpétuas, de assassinatos constantes, de obscurantismo profundo, de preguiça e de irresponsabilidade. Não. Era uma época em que os Povos africanos tinham as suas formas especiais e bem determinadas de organização, trabalhavam ordenadamente, e esforçavam-se por progredir; não há dúvidas que também havia guerras, nas guerras houve em todos os povos, não é nada de específico aos povos africanos. (1)

Quando os colonialistas chegaram a África, os povos deste continente encontravam-se numa fase de passagem do comunismo primitivo para a escravatura, ou seja, encontravam-se na Proto-História, quer dizer, na passagem da Pré-História para a História.

Os povos africanos já conheciam os metais (principalmente o ferro) e alguns deles já possuíam escritas simplificadas.

Nessa altura ainda não existia o Povo angolano. No território que é hoje Angola viviam vários povos organizados em REINOS, que nós estudaremos mais adiante.

---

(1) Aliás é um fenómeno bem conhecido dos historiadores que o número e a intensidade das guerras aumenta quando os povos se encontram na idade dos metais. Por isso se chama a essa idade o período heróico.

1. A ORIGEM DOS VÁRIOS POVOS QUE HOJE CONSTITUEM O POVO ANCOLANO

Parece que os povos mais antigos de Angola são os KAMUSEKELE do grupo étnico KHOI-SAN ("hotentotes" e "bosquimanes", segundo a terminologia colonialista)..Os kamusekele, que hoje contam poucos milhares de indivíduos, vivem essencialmente da caça (são hábeis no manejo da azagaia) e encontram-se dispersos pelo extremo sul de Angola (prolongamento do deserto de Kalahari, do Sudoeste Africano).

Um outro povo, os FIGMEUS, também parece ter sido um dos primeiros a habitar Angola. Ao contrário dos Kamusekele, que vivem nas regiões semi-desérticas, os Pigmeus vivem nas florestas densas do extremo norte de Angola. São ainda menos numerosos que os Khoi-San. Os Pigmeus também são bons caçadores.

Todos os outros povos de Angola (Kikongo, Kimbundu, Tchokwe, Bangala, Lunda, Umbundu, Luvale, Luchaze, Mbunda, Nyaneka, Helelo, Kwangali, Kwanyama, etc.) pertencem ao mesmo grupo etno-linguístico, os BANTU.

As línguas Bantu, embora diferentes, têm todas uma raiz comum, são línguas irmãs.





## 2. AS FORÇAS PRODUTIVAS

Os Kamuskolo e os Pigmeus eram povos caçadores.

Conheciam a azagaia e alguns instrumentos de pesca, mas desconheciam praticamente a agricultura (e por conseguinte também os instrumentos agrícolas).

O nível das forças produtivas em todos os outros povos de Angola (de origem Bantu), e que constituem a maioria esmagadora da população, era o da passagem do comunismo primitivo para a escravatura.

Todos os povos Bantu sabiam trabalhar o ferro, fazendo com ele machados, enxadas, pontas de lanças, etc. Em todos os povos já se estava a desenvolver o artesanato, pois além dos homens que trabalhavam o ferro (os ferreiros), havia os tecelões (que faziam tecidos de fibras várias), os artistas (que faziam estatuetas de madeira, de marfim e de corno de boi), os oleiros (que faziam panelas de barro, moringues e sangas), etc.

Mas ainda não tinham sido descobertas duas coisas muito importantes: a roda e a charrua. Só utilizando a roda e a charrua se pode passar da etapa da tracção animal (pôr o boi e o cavalo a **puxar** a charrua e a carroça).

Em Angola havia, e há, povos agricultores (no norte), povos pastores (no sul); os povos do centro são agricultores, mas também praticam a pastorícia.

Os povos que se dedicavam essencialmente à agricultura eram os Kikongo, Kimbundu, Bangala, Lunda, Chokwe, Luvale, Mbunda, Lwimbi, Luchaze e Kangala. Os povos que se dedicavam essencialmente à pastorícia eram os Ovambo, os Kwangali, os Humbi e os Helelo. Os Umbundu, que eram essencialmente agricultores, também praticavam a pastorícia.

Isto não significa que os povos agricultores também não criassem animais e que os povos pastores também não praticassem a agricultura. Mas havia, de facto, uma certa divisão do trabalho.

A AGRICULTURA era praticada por homens e mulheres, mas as mulheres faziam o trabalho principal. Os homens trabalhavam com machados para abrir as matas e cavavam pela primeira vez os terrenos incultos; mas eram as mulheres que cultivavam e colhiam durante todo o resto do ano. Quando o terreno das lavras ficava esgotado ("cansado"), mudava-se para novos terrenos: era uma agricultura itinerante.

A PASTORÍCIA - tratava-se essencialmente da criação de bois. Os pastores acompanhavam os bois de região em região, sempre à procura de capim fresco e abundante.. É a isso que se chamava nomadismo.

Os povos pastores e agricultores faziam a troca de excedentes dos seus respectivos produtos. Assim, já havia um certo comércio e já existia mesmo a moeda (dinheiro). Simplesmente, não era como hoje: às vezes usava-se o ndjimbo (determinadas conchas do mar), como no Reino do Congo; outras vezes era o sal da Kisama; outras vezes era determinado tipo de tecidos africanos; em algumas regiões do planalto o boi era a moeda corrente..



### 3. AS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO

As relações de produção incluem as relações de propriedade (quem possui os meios de produção?), as relações de divisão do produto (como é que a produção é dividida?) e relações de classe (quais são as classes que existem?).

Em Angola as relações de produção eram as típicas de passagem do comunismo primitivo para a escravatura. Em todos os povos a sociedade estava organizada em clãs, fraternidades e tribos (formas típicas do comunismo primitivo), mas ao mesmo tempo já havia escravos (típicos da escravatura).

#### A) Relações de propriedade

Nos primeiros tempos todas as lavras pertenciam a todo o clã; todos trabalhavam e o produto era dividido igualmente por todos; não havia escravos. Mas quando os colonialistas chegaram já não era assim:

a) a propriedade das terras, dos rios e das florestas era colectiva. Quer dizer: estas riquezas pertenciam a todo o clã.

b) Embora as terras fossem propriedade colectiva, cada família tinha uma lavra. Quer dizer, estava-se a passar da propriedade colectiva à propriedade privada.

As lavras e outras riquezas não passavam de pais para filhos, mas para os sobrinhos. Era o direito por linha materna (parte da mãe).

Também quando o rei, ou soba, morria, subia ao poder o seu sobrinho, filho da irmã mais velha.

Facto muitíssimo importante: já havia escravos, e os escravos não possuíam nada; todas as riquezas estavam nas mãos dos homens livres.

E porquê que já era possível a existência de escravos? Por que já havia excedentes de produção (havia sobras). E porquê? Porque as forças produtivas já estavam de tal maneira desenvolvidas que permitiam o aparecimento dos excedentes.



## B) Relações de divisão do produto

Cada família recebia o produto da sua lavra. Todos tinham, portanto, aproximadamente a mesma coisa.

Mas, nas famílias que possuíam escravos, o produto era dividido muito desigualmente. Os escravos só podiam comer o estritamente necessário para não morrerem de fome e poderem continuar a trabalhar para os homens livres. Os donos dos escravos ficavam com a maior parte dos produtos.

O rei era quem tinha mais escravos. Além disso, mesmo as pessoas livres eram obrigadas (pelo menos moralmente) a irem trabalhar gratuitamente, durante um certo número de dias do ano, nas lavras do rei e dos outros nobres (parentes do rei).

Tinha-se assim iniciado um processo de diferenciação no seio dos próprios homens livres: havia homens livres ricos e homens livres pobres.

Os homens livres pobres quando não pudessem comprar qualquer coisa, pediam emprestado aos homens livres ricos, que cobravam juros elevadíssimos; caso os pobres não fossem capazes de saldar as dívidas (pagar o que deviam), eram transformados em escravos.

Estavam assim a surgir as duas grandes classes da escravidão: senhores e escravos.

## C) Relações de classe

A maior parte das pessoas eram livres e a riqueza estava mais ou menos igualmente repartida por todos. No entanto, já se notava uma maior concentração de riqueza com a família nobre; ao mesmo tempo, já havia escravos, que embora ainda não fossem a maioria da população, executavam as tarefas mais árduas (pesadas), podiam ser vendidos e podiam ser mortos em qualquer altura.

Se o processo tivesse continuado naturalmente, a maior parte dos homens livres ter-se-ia transformado em escravos, e a sociedade ficaria assim polarizada em duas classes antagónicas (rivais): senhores e escravos.



## I. IDADE COLONIAL

### 1. A CHEGADA E A PRESENÇA DOS COLONIALISTAS PORTUGUESES

Em 1482 uma frota portuguesa, comandada pelo pirata Diogo Cão, chega ao rio Congo (ou Zaire). É o primeiro contacto dos colonialistas com terras de Angola.

Os colonialistas vieram a Angola unicamente para explorar, para roubar. Claro que a exploração adoptou várias formas, consoante as circunstâncias, mas o objectivo perseguido era sempre o mesmo: viver à custa dos outros.

Assim, numa primeira fase, começaram por praticar um COMÉRCIO ESCANDALOSAMENTE DESIGUAL: trocavam missangas, vinho, aguardente e tecidos ordinários por grandes quantidades de ouro e marfim. Era uma roubalheira descarada, mas apesar disso essa fase durou muito pouco tempo, para dar lugar a uma fase muito mais brutal de exploração.

Esta segunda fase - que durou quatro séculos, de 1.500 a 1.885 - é a época do TRÁFICO DE ESCRAVOS. Os Angolanos eram feitos prisioneiros através das "guerras do kwata-kwata" e eram vendidos aos "negreiros" que os transportavam nos porões dos seus barcos à vela para o Brasil e outros países da América, onde eram vendidos, como gado, aos donos das plantações de cana-de-açúcar (os escravos eram chamados "peças", da mesma maneira que hoje se diz "peça de fazenda"); Os principais traficantes de escravos e donos de roças no Brasil, alimentados por trabalho escravo, eram os padres da "Companhia de Jesus", os jesuitas.

Infelizmente muitos angolanos eram vendidos aos portugueses por outros angolanos: sobas vendiam os seus súbditos, e ti-os vendiam os sobrinhos. Mas a maior parte dos escravos eram obtidos através das guerras.

Os verdadeiros Angolanos sempre se opuseram à ignomínia do tráfico de escravos. Muito cedo, em meados do século XVI, há uma grande e nobre revolta popular no Reino do Congo, conduzida pelo grande herói angolano BULA MATADI contra o Rei do Congo, Alvarô I e a sua camarilha, agentes dos colonialistas no tráfico de escravos. Bula Matadi vence, e o Rei do Congo é obrigado a refugiar-se numa das ilhas do Rio Zaire.



Mas esse traidor pede auxílio aos portugueses, e os exércitos português e fantoche vencem a revolta popular; o seu chefe é morto na última batalha. Mas Bula Mataadi é e continuará a ser um símbolo da vontade indomável do Povo Angolano.

São os próprios colonialistas portugueses que contam que, dum vez em que os soldados portugueses invadiram uma aldeia para caçarem escravos, uma mãe apanhada de surpresa e já não podendo fugir, preferiu queimar-se dentro de sua casa com todos os seus filhos. Claro que há milhares de exemplos semelhantes a este, e todos eles provam que o Povo Angolano sempre se opôs a toda e qualquer forma de domínio.

As viagens para o Brasil duravam uns seis meses. Homens, mulheres e crianças, metidos nos porões e presos por grilhetas, morriam vítimas da fome, dos castigos e das doenças. Calcula-se que 60% dos escravos morriam pelo caminho. Em média, os escravos só sobreviviam a três anos de trabalho escravo na América.

Os historiadores calculam que Angola perdeu 11 milhões dos seus <sup>filhos</sup> com o tráfico dos escravos, se contarmos com aqueles que chegaram às Américas, os que morreram pelo caminho e os que foram mortos em Angola com as "guerras do kwata-kwata".

Em 1885 começa a terceira fase que se prolonga até 1910 e que é marcada pelas **GUERRAS DE OCUPAÇÃO MILITAR DO TERRITÓRIO**, guerras essas que permitem a Portugal o controle de todo o território Angolano.

O ano de 1910 dá início à quarta fase, à época da **EXPLORAÇÃO CAPITALISTA DE ANGOLA** que é marcada pela introdução de novas relações de produção, pelo trabalho forçado (o chamado "contrato"), pela exploração de minas, roças e algumas fábricas.

Finalmente o glorioso dia 4 de Fevereiro de 1961 desperta com a quarta e última fase da idade colonial, a da **REVOLUÇÃO ANGOLANA**.



Deve ter-se em conta que as épocas em que se divide a História de Angola se interpenetram em larga medida, e que portanto a sua separação nítida tem principalmente um interesse didáctico.

Por exemplo, quando se diz que a época do comércio escandalosamente desigual terminou em 1500 para dar lugar à época do tráfico de escravos, isto não significa que o comércio escandalosamente desigual não tenha continuado a ser praticado (e continua até hoje); simplesmente deixou de ser a forma principal de exploração do povo angolano. Da mesma maneira, as guerras de ocupação militar do território, embora só tenham sofrido um grande impulso a partir de 1885, não começaram nessa data; na verdade, todas as "guerras do kwata-kwata" eram ao mesmo tempo de ocupação militar, simplesmente o objectivo principal era de facto aprisionar escravos. Quando se diz que a época da exploração capitalista começou em 1910, não se nega que antes dessa data não tivessem existido empreendimentos de tipo capitalista, principalmente no século XVIII com as forjas de ferro, próximo do Dondo. Dizer que a época da Revolução começou em 1961 não significa que antes dessa data o Povo Angolano não tenha lutado; simplesmente significa que a partir de 1961 todos os acontecimentos que ocorrem em Angola são iluminados pela luta de libertação do Povo Angolano, que se tornou o elemento decisivo da época actual.



## 2. OS REINOS DE ANGOLA

Antes dos portugueses chegarem a Angola, as populações estavam organizadas em Reinos, que eram conjuntos de tribos (confederações de tribos), falando em geral a mesma língua.

Os Reinos que se encontravam nas periferias do actual território de Angola estendiam-se em geral por uma parte dos actuais países limítrofes de Angola. Assim, o Reino do Congo estendia-se por uma parte do actual Congo-Kinshasa, o Reino da Lunda por uma parte do Congo e da Zâmbia, etc.

Repete-se mais uma vez que nessa altura ainda não existia a Nação Angolana: A nação é um produto do capitalismo, e portanto só mais tarde se haveria de constituir.

Posto isto, começaremos com o estudo dos Reinos de Angola, seguindo do Norte para Sul, como é hábito.

### 2.1 REINO DO CONGO

O Reino do Congo agrupava todas as tribos do grupo kikongo. O fundador do Reino foi Wene ou Nimi a Lukeni. A capital do Reino era Mbanza Kongo (que os portugueses chamam S. Salvador). Os limites do Reino eram: ao Norte, o Rio Ogoué, no Gabão; ao Sul, o Rio Loge; a Leste, o Rio Kwango, afluente do Zaire; a Oeste, o Oceano Atlântico.

Portanto, o Reino do Congo estendia-se pelas seguintes regiões actuais: Noroeste de Angola, Sudoeste do Congo-Kinshasa Ocidente do Congo-Brazzaville.

O Reino do Congo estava dividido em seis províncias: Mpemba; ao centro do país. Era aqui que estava Mbanza Kongo; a capital, e era daqui que saíam os governadores ou Manis que iam governar as outras províncias.

Soyo - a Oeste na foz do Rio Zaire, junto do mar. Nesta província ficava Mbanza Mpinda, ou porto Pinda, mais tarde transformado no centro de exportação de escravos. Esta província era governada por um tio do Rei do Congo.

Mbamba: era a província mais rica e que tinha mais gente; situada mais a sul.

Mbata: Ficava a Leste, junto do Rio Kwango. Mas não era bem uma província, porque o Mani Mbata não era nomeado pelo Rei, mas sim escolhido pelo povo de Mbata entre os familiares do rei defunto.

Msundi: Província que ficava a Nordeste, na margem do Rio Zaire.



Era governada pelo filho mais velho do Rei.

Mpanzu: Esta província era bastante independente, pois não pagava imposto ao Rei. Ficava situada na região oriental do Reino.

Lista de alguns Reis do Congo:

1 - Nimi & Lukeni

2 - Nanga kya Ntinu

.....  
- Nkuvu a Ntinu ..... (século XV)

- Nzinga a Nkuvu..... (século XV e XVI) + morreu em .  
1506

Foi no tempo de Nzinga a Nkuvu que os portugueses chegaram ao Congo. Este Rei deixou-se baptizar pelos padres portugueses, com o nome de D. João I, e converteu-se à religião católica, abandonando, portanto, a religião animista. Porquê? Porque viu que a religião católica protegia a propriedade privada contra a propriedade comunitária (favorecia a riqueza do rei e dos outros senhores à custa do Povo) e porque pensava que as armas de fogo dos portugueses lhe ajudariam a dominar o seu próprio povo e a conquistar outros reinos.

Os fidalgos da corte e o filho do Rei, Mbemba Nzinga, também se baptizaram. Este último tomou o nome de D. Afonso.

O herdeiro do trono não era D. Afonso, mas sim o sobrinho do Rei, MPANGU A KITINA, que recusou o baptismo. Mpangu a Kitina organizou a primeira oposição à política de subjugação aos portugueses.

Alguns Manis importantes e a maior parte do povo apoiaram Mpangu a Kitina.

Em 1500 o rei Nzinga a Nkuvu (D. João I), vendo o descontentamento popular, voltou de novo à religião animista.

Em 1506 Nzinga a Nkuvu morreu. O seu filho, o traidor Afonso, dirigiu-se à capital e usurpou o trono. Tornou-se assim rei do Congo, com o nome de D. Afonso I.

O Príncipe Mpangu a Kitina, com o seu exército, cercou a capital, mas os fantoches com a ajuda dos portugueses ganham a batalha. O herói angolano Mpangu a Kitina morreu nessa batalha, mas a semente do ódio ao invasor germinou!



O traidor Afonso I fez aumentar o tráfico de escravos em proveito dos portugueses. A fim de que houvesse mais escravos, Afonso I fez guerras aos povos vizinhos: Panzelungos, Anzikos, Changalas, etc.

Com o negócio dos escravos a sociedade congoleza ficou desorganizada e corrompida. A religião católica tornou-se obrigatória. Os animistas eram queimados vivos nas fogueiras. O Povo estava descontente.

O Rei do Congo, manobrado pelos padres, resolveu mandar fechar uma casa em que estavam os objectos de adoração do povo kikongo (os portugueses chamavam "a casa dos ídolos"). Nesse mesmo dia, o povo de Mbanza Kongo revoltou-se, chefiado pelo mani D. Jorge Muxuebata, com o fim de expulsar os portugueses e liquidar a religião católica. Mas a revolta foi esmagada com a ajuda dos portugueses.

Em 1523, Henrique - filho mais novo do traidor Afonso I - foi sagrado bispo em Roma pelo Papa. Ele foi assim o primeiro bispo de África ao sul do Sahara. Mas é claro que se tratava duma manobra dos padres e dos portugueses que queriam assim arranjar um grande número de fantoches.

Em 1543 morreu o Rei Afonso I e subiu ao trono o seu sobrinho Nkanga a Ndemba, D. Pedro I, que tinha o apoio do povo.

Mas dois anos depois, em 1545, um neto de Afonso I, o traidor Nkubi a Mpudi - sob a instigação e com o apoio dos portugueses - expulsou o Rei Pedro I e sobe ao trono com o nome de Diogo I. Durante este reinado, o tráfico de escravos aumentou ainda mais.

Em 1561 morreu o traidor Diogo I, e subiu ao trono o seu filho Afonso II, Mbemba a Nzinga, sob a imposição dos portugueses. Mas houve imediatamente uma revolta chefiada por



D. Bernardo, sobrinho de Diogo I, que saiu triunfante. Sobretudo ao trono D. Bernardo I.

Em 1567 morreu este rei. Mas o povo já estava cansado com o negócio dos escravos. Nesse mesmo ano estalou uma grande revolta. Os portugueses foram mortos ou fugiram e ao trono subiu Nerika a Mpudi, D. Henrique, irmão do finado rei Diogo I. Mas esse rei morreu nesse mesmo ano, sucedendo-lhe no poder D. Alvaro O Mpanzu.

Este rei traidor colocou-se de novo sob a tutela dos portugueses e o tráfico de escravos redobrou de intensidade. O Reino do Congo estava cada vez mais enfraquecido. É nesse ano de 1568 que um povo guerreiro do interior de África, os Jagas, invadiram o Reino do Congo, conquistaram a capital; o rei Álvaro I e muitos dos seus súbditos refugiaram-se numa das ilhas do Rio Zaire, permanecendo aí vários anos.

Finalmente, Alvaro I pediu auxílio aos portugueses que, após uma guerra aos Jagas de ano e meio, conseguiram expulsá-los do Reino do Congo, instalando de novo Álvaro I no poder. Os portugueses exigiram então que Alvaro I se considerasse vassalo (criado) do rei de Portugal.

Foi então que em 1570 estalou a grande revolta popular dirigida pelo herói BULA MATADI e que visava a liquidação do tráfico de escravos. Porém, foi abafada, como já vimos.

Em 1574 morreu o rei traidor Álvaro I, subindo ao trono D. Álvaro II, Nempazu a Nimi.

Nempazu a Nimi negou o contrato de vassalagem assinado por Álvaro I.

Em 1575, o português Paulo Dias de Novais desembarcou em Luanda e fundou a cidade de Luanda. A partir dessa altura os colonialistas portugueses deixaram provisoriamente o Reino do Congo numa paz relativa e frágil, para concentrar as suas atenções sobre o Reino de Ngola.

Em resumo, a História do Reino do Congo, neste agitado século XVI, é marcada essencialmente pela luta entre as forças populares, dum lado, e os colonialistas portugueses e os traidores, do outro lado; é marcada ainda pelas intrigas dos padres no seio das classes dirigentes do Reino do Congo;



- provocada pelo aumento desenfreado do tráfico de escravos e consequente degradação da sociedade.

Os chefes das principais revoltas nessa época:

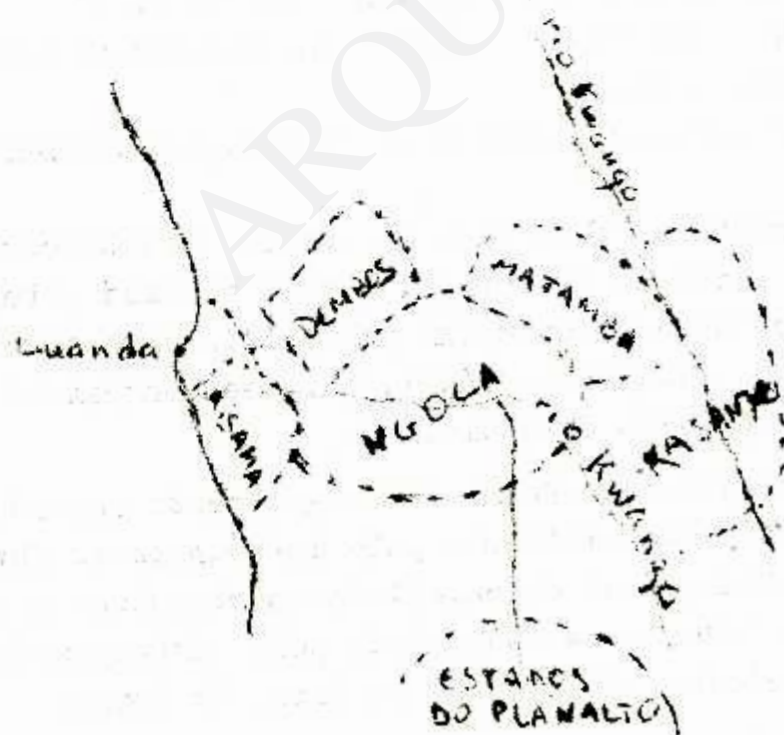
- Mpangu a Kitina (Revolta de 1507)
- D. Jorge Muxuebata (Revolta da "casa dos idolos")
- Bula Matadi (Revolta de 1570 )

Os reis do Congo, após a chegada dos portugueses:

- Nzinga a Nkuvu, D. Joao I (morreu em 1507)
- Moemba a Nzinga, D. Afonso I (1507-1543)
- Nkanga a Moemba, D. Pedro I (1543-1545)
- Nkubi a Mpudi, D. Diogo I (1545-1561)
- Moemba a Nzinga, D. Afonso II (1561)
- Nzinga a Mbamba, D. Bernardo I (1561-1564)
- Nerika a Mpudi, D. Henrique I (1567)
- O Mpanzu, D. Alvaro I (1568-1574)
- Nempazu a Nini, D. Alvaro II (1574-1614)

## 2.2 OS ESTADOS DO CICLO DO KWANZA

O ciclo do Kwanza é formado pelo Reino de Ngola ou Ndonggo, pelos estados de Kisama e pelos estados do Dembos.





A) Reino de Ngola

O fundador do Reino foi o chefe prestigioso NGOLA A NZINGA. A este rei sucedeu-lhe NGOLA INENE, que organizou o Reino de Ndongo, com a capital em Moanza Kabasa, situada perto do actual Dondo.

O Reino de Ngola era limitado:

- ao Norte, pelo rio Dande e a região de Ambuila
- ao Sul, pelos planatos do Bié, Huambo e Benguela
- a Leste, pela região de Kasange (Rio Kwango)
- a Sudoeste, pela região da Kisama

Alguns dos reis de Ngola, antes da chegada dos portugueses:

- Ngola a Nzinga
- Ngola Inene
- Nzunda kya Ngola
- Ngola Kiluange
- Ndambi Ngola
- Ngola Kiluange kia Ngola
- Nzinga Kilombo Kya Kasende
- Mbandi Ngola Kiluange (foi no seu tempo que chegaram os portugueses)

B) Os estados livres da Kisama

Ao Sul do Rio Kwanza situa-se a região da Kisama, dividida em pequenos estados independentes.

Na Kisama apanhavam-se barras de sal que serviam de dinheiro, utilizado no comércio com os planatos do Bié e Huambo. Por causa do sal, a Kisama era uma região muito importante que todos queriam dominar.

Alguns estados da Kisama eram: MUXIMA, KITANGOMBE, KIZUA, NGOLA KIKAITO, KAFUXE.

C) Os Dembos

Os Dembos era uma região encravada entre os Reinos de Ngola e Congo. Hoje, os Dembos constituem a parte norte do distrito do Cuanza-Norte, e a parte nordeste do distrito de Luanda.



A palavra "Dembo" era o nome dos Reis desta região. Os Dembos mais importantes eram: Ambuila, Nambuangongo, Kalulo-Kaenda, Kazuangongo, Ngonbe, Mukiama, etc.

## 2.21 O REINO DE NGOLA E AS SUAS LUTAS CONTRA O INVASOR PORTUGUES

Em 1520, o rei de Portugal enviou uma delegação composta pelos portugueses Baltasar e Pacheco ao rei Ngola Kiluange. Esta delegação trazia presentes ao rei de Ngola e devia baptizar Ngola Kiluange (embora nem Baltasar, nem Pacheco fossem padres); o objectivo da missão era conseguir que o rei de Ngola autorizasse no seu território, a actividade dos comerciantes de escravos, e saber onde se encontravam as minas de prata.

Ngola Kiluange não se deixa enganar; Pacheco foi morto, enquanto que Baltasar é transformado em escravo durante o período de seis anos, até que foi liberto a pedido do rei Afonso I do Congo. Logo que Baltasar chegou a Lisboa, informou ao rei português que as minas de prata se encontravam em Cambambe.

Em 1560 chegou uma nova delegação à Mbanza Kabasa (capital do Reino de Ngola), conduzida por Paulo Dias de Novaes. O rei de Ngola Kiluange fê-lo prisioneiro e transformou-o em escravo durante seis anos, findos os quais o rei de Ngola enviou Novaes a Portugal para saber se os portugueses queriam estabelecer relações comerciais pacíficas.

Em 1575, Novaes, acompanhado por soldados e jesuitas, chegou de novo à Baía de Luanda, onde mandou construir um forte e uma igreja.

Então Novaes começa a sua ofensiva militar contra o Reino do Ndongo. Em 1578 Ngola Kiluange atacou o forte de Ndele, onde estavam os portugueses, mas foi derrotado. Novaes aproveitou-se disso e invade a Kisama, derrotando um por um os vários estados, e praticando o princípio criminoso da "terra queimada": todas as aldeias eram queimadas e os seus habitantes transformados em escravos.

Alguns sobas da Kisama ficaram com medo e recusaram-se a combater os portugueses; outros aliaram-se aos portugueses. Os estados vencidos foram obrigados a pagar pesados impostos em escravos.



Um exército do Congo, aliado dos portugueses, atacou o Ndongo, mas foi derrotado em 1580 pelo exército de Ngola Kiluange.

Nesse mesmo ano, Novaes levou consigo 900 soldados fantoches da Kisama e atacou as tropas de Ngola, que foram derrotados na batalha de massangano.

Os colonialistas começaram a apanhar muitos escravos, e, naturalmente, o descontentamento do povo era muito grande. Ngola Kiluange começou a constituir um exército com os escravos que fugiam dos portugueses.

Ngola Kiluange compreendeu que, isolado, o Reino do Ndongo não poderia vencer os portugueses. Por isso enviou embaixadores ao Reino da Matamba (onde viviam os jagas) e ao Reino do Congo (que nessa altura era governado por Nimi ne Mpango, D. Alvaro II), e estabeleceu com eles uma aliança. Foi a Primeira Coligação contra os colonialistas, instituída em 1590.

Um grande exército da Coligação, comandado por Ngola Kiluange, marchou sobre as tropas de Novaes. Travou-se a grande batalha de ANGOLE-AKITAMBO, tendo o exército português sido totalmente desbaratado.

A segunda vitória da Coligação foi em 1594 contra o governador Francisco de Almeida, que perdeu 750 homens. Quando Almeida chegou a Luanda, a população europeia revoltou-se e obrigou-o a fugir para o Brasil. Em 1595, a Coligação teve várias vitórias seguidas. Os portugueses já não possuíam senão as fortalezas de Muxima e Massangano e a cidade de Luanda.

Apesar das vitórias retumbantes, em 1600 a Coligação começou a desfazer-se. Alguns jagas da Matamba emigraram para os lados de Benguela, pois preferiam fazer a "guerra do kwata-kwata", para vender escravos aos portugueses, do que lutar contra o invasor. Também os ricos da província de Soyo, no Reino do Congo, que se habituaram a viver do tráfico de escravos, preferiram continuar com o negócio do que participar na guerra.

Mas mesmo com os estados divididos, a luta contra o invasor continuou. Simplesmente estava votada ao fracasso.



Alguns pequenos Reinos da Kisama contir ram também a luta. Assim, o soba CAFUXE, em 1603, desencana ou uma extensa revolta contra os dominadores, e que só foi vencida após meses de combate.

Vendo a Coligação desfeita, os colonialistas atacaram Ngola com um grande exército. O rei Ngola Kiluange foi feito prisioneiro e levado para Luanda, onde foi decapitado. Depois disso, os portugueses chegaram finalmente a Kambambe, mas não encontraram nenhuma minas de prata.

NGOLA KILUANGE entrou na História de Angola como herói.

Depois da morte de Ngola Kiluange, subiu ao trono Ngola Mbandi. Os portugueses aproveitando a desunião no seio do povo estavam a fazer uma grande contra-ofensiva. Entre 1611 e 1617, Ngola Mbandi foi sempre vencido pelos invasores. Os portugueses tomaram Kabasa, a capital, em 1620, e Ngola Mbandi refugiou-se numa das ilhas do rio Kwanza; aí ficou muito tempo, atacando o inimigo de vez em quando.

Vendo que o Rei estava refugiado na ilha, os portugueses colocaram no trono de Ngola um traidor chamado Samba a Ndumba ou Ari Kiluange, que era soba em Mpungo a Ndongo, onde os exércitos portugueses não tinham ainda chegado. Mas ninguém respeitava o traidor; para todos, o Rei era Ngola Mbandi.

Foi então que Jinga Mbandi propôs a seu irmão, Ngola Mbandi, que fizesse as pazes com os portugueses e aproveitasse esse tempo de acalmia para organizar uma nova Coligação.

Assim Jinga Mbandi, à frente duma delegação, deslocou-se à Luanda onde assinou um tratado de paz com o governador português.

Os invasores estavam convencidos que Jinga Mbandi era uma traidora ao seu povo, e pensando poder controlá-la, baptizaram-na com o nome de D. Ana de Sousa.

Depois de assinada a paz, em 1621, Jinga começou a viajar por todos os estados para organizar a Coligação.

Mas o rei não queria respeitar o acordo de paz. Queria continuar com as pequenas guerras antigas, em que era quase sempre derrotado; sem querer, ele estava a sabotar a luta. Jinga via que o seu irmão não estava a compreender o seu plano grandioso. Mas o rei Ngola Mbandi morreu pouco tempo depois.

Jinga subiu, então, ao trono do Ndongo, com o nome imortal de RAINHA JINGA.

Uma vez coroada rainha, Jinga - depois de ter passado pelos rituais dos jagas, foi eleita igualmente Rainha da Matamba.



Portanto, os reinos do Ndongo e da Matamba fundiram-se, e Jinga era a Rainha do Ndongo e da Matamba.

Em 1635 estava formada a Segunda Coligação constituída pelos Reinos de Matamba e Ndongo, Congo, Kasange, Dembos e **K**isama, e tendo por chefe Jinga Mbandi.

No Congo governava o Rei D. Alvaro VI, Mani Mbamba. Em Mpungo a Ndongo continuava sempre no poder o traidor Ari Kiluanje.

O espírito unitário de Jinga não se limitava so aos estados do ciclo do Kwanza. Algumas das armas compradas aos pombeiros (comerciantes de escravos) foram enviadas ao Reino do Bié, para que esta região resistisse melhor aos portugueses.

Quando a Rainha Jinga viu que os estados da Coligação estavam unidos e que portanto esta dispunha dum exército forte, atacou os portugueses. Muitas batalhas foram travadas e os portugueses foram empurrados para lá de Kambambe. Os colonialistas perderam até mesmo os fortes de Ambaka e Kambambe, ficando só com os fortes de Muxima e Masangano e com a cidade de Luanda.

Em 1641 a situação dos portugueses ficou ainda pior. Os holandeses, que também eram colonialistas e que também queriam explorar Angola, atacaram a cidade e a fortaleza de Luanda, conquistando-as aos portugueses.

Então a Rainha Jinga, que era uma diplomata muito hábil, resolveu aproveitar-se das contradições que existiam no seio dos dois blocos colonialistas: aliou-se aos holandeses contra os portugueses, passando assim a receber armas dos holandeses. É claro que a Rainha sabia que os holandeses eram maus aliados, e que também ajudavam os portugueses. No fundo o que os holandeses queriam é que os angolanos lutassem contra os portugueses para que as duas partes ficassem fracas, e assim eles pudessem depois dominar Angola. Portanto, se a Rainha Jinga se aliou aos holandeses foi só para receber algumas armas; além disso ela sabia que a luta organizada nunca haveria de enfraquecer o povo, antes pelo contrário, fortalecê-lo-ia.



Mas os portugueses tinham dois aliados: o traidor Ngola Ari, filho de Ari Kiluange, (que já tinha morrido) e o soba jaga Kabuku Kandonga, chefe dum grande exército.

Como os portugueses tinham perdido Luanda, já não podiam exportar mais escravos para o Brasil, e por isso os donos de plantações de cana-de-açúcar do Brasil estavam aflitos com falta de mão-de-obra. Por isso, em 1648, os portugueses do Brasil (os "brasileiros") mandaram uma esquadra, comandada por Salvador Correia, que conquistou Luanda aos holandeses.

Já antes da derrota dos holandeses, os jagas de Kasanje tinham deixado a Coligação para se aliarem aos portugueses. Por outro lado, em 1648, um rei traidor do Congo, Garcia II Kimbaku, assinou a paz com os portugueses, comprometendo-se a pagar mil escravos a Portugal, a entregar aos portugueses todos os territórios até ao rio Dande e a ceder aos portugueses todas as minas que fossem encontradas no Congo.

Assim se desfêz a Coligação.

Mas a Rainha Jinga, até a sua morte em 1663 manteve-se firme no seu posto de indomável defensora do seu povo.

É então que sobe ao trono do Reino do Congo Nhe Nleza, D. António I, que atacou os portugueses, mas foi vencido em 1665 na batalha de Ambuila. Desde esta altura o Congo passou a ser uma colónia de Portugal, quer dizer, passou a ser directamente administrado por Portugal: perdeu a sua independência.

Em Mpungo a Ndongo o filho de Ari I, o rei Ari II, não quis ser traidor. Desencadeou uma guerra contra os portugueses, que por sua vez atacaram e tomaram Mpungo a Ndongo. Assim foi ocupado o Reino do Ndongo.

Mas na Matamba a resistência continuava. Depois da morte da Rainha Jinga, subiu ao trono da Matamba sua irmã Amona, D. Barbara. Sucedeu-lhe o Rei Ngola Kanini que resolveu continuar a guerra.

Ngola Kanini atacou o Reino de Kasange, aliado dos portugueses, e colocou no trono um rei honesto, refazendo assim a unidade de Matamba e Kasange.

Então os portugueses, com um grande exército, atacaram



a Matamba, mas foram derrotados na grande BATALHA DE KATOLE. Os portugueses continuaram a ser derrotados noutras batalhas, porque havia unidade entre a Matamba e Kasange.

Em 1683 morre Ngola Kanini e sobe ao trono a Rainha Vitória, que era uma traidora. Assinou um tratado de vassalagem com Portugal (os Reinos de Matamba e Kasange tornaram-se criados de Portugal). Assim terminou a segunda guerra da Coligação e terminou o primeiro período de resistência à ocupação no ciclo do Kwanza.

## 2.22 NASCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA COLONIA

Já vimos que a colónia se formou em 1575, quando Novaes (que trazia consigo 100 famílias portuguesas) se instalou em Luanda.

Os colonos viviam principalmente do comércio de escravos; também faziam comércio de marfim; alguns colonos eram donos de roças de ginguba, batata e outros géneros alimentares, onde trabalhavam inúmeros escravos angolanos. Os colonos eram, pois, senhores de escravos.

Em 1605 passou Luanda à categoria de cidade, e em 1625 tinha 400 famílias portuguesas. Esses portugueses eram, na sua maior parte, desterrados, quer dizer, condenados, por serem criminosos, ladrões, assassinos, bandidos, etc. Eram, portanto, capazes de fazer as maiores crueldades.

Uma vez ocupada Luanda, o objectivo dos colonos era dominar o território ao longo do Rio Kwanza. Assim vão construindo fortalezas ao longo das margens desse rio: em 1575 é o forte de Kalumbo; após a derrota dos estados da Kisama, é a vez do forte da Muxima; em 1583, depois da derrota de Ngola Kiluange em Massangano, é construído o forte e presídio de Massangano; em 1609, depois da Primeira Guerra da Coligação é construído o forte e presídio de Kambambe; em 1671, depois de terminada a conquista do Reino de Ngola e Matamba, é construído o presídio de Mpungo a Ndongo.



Ao mesmo tempo que ocupavam o vale do rio Kwanza, os portugueses pretendiam conquistar o litoral da parte central de Angola, para daí lançarem as suas ofensivas contra os estados do planalto do Huambo e Bié. Assim, em 1584 fundam o presidio de Benguela-a-Velha (hoje Porto Amboim) e em 1617 Benguela-a-Nova (hoje a cidade de Benguela).

Já sabemos que os holandeses ocuparam Luanda em 1640 e que dela foram expulsos em 1648 por uma esquadra brasileira comandada pelo esclavagista Salvador Correia.

A partir dessa altura, Angola passa a ser dirigida pelos brasileiros, a partir do Brasil, pois não passava dum simples fornecedor de escravos para os rocciros do Brasil. Quer dizer, nessa altura o Brasil era uma colónia de Portugal e Angola era na realidade uma colónia do Brasil.

### 2.3 OS ESTADOS DO CICLO DO KWANGO

Os estados e povos do Kwango foram a Matamba, o Kasange e os Holos.

#### A) Reino da Matamba

O Reino da Matamba formou-se quando NGOLA INENE conquistou esse território. Em 1570 os jagas fugidos do Congo invadiram a Matamba e misturaram-se à população local. Desde então embora a Matamba continuasse dependente do Reino de Ngola estava dividida em vários acampamentos jagas.

Mas em 1630 tudo mudou, quando a Rainha se fez proclamar Rainha da Matamba e refêz a unidade do Ngola e Matamba. Foi da Matamba que a Rainha Jinga dirigiu a luta contra os portugueses.



B) Reino de Kasange

De início não se podia chamar Kasange ao território entre os rios Kwango e Lui, onde diversos povos se tinham instalado. Era simplesmente o território Kwango-Lui.

O Kwango-Lui foi conquistado pelos Bangalas que fugiram da Lunda depois de derrotados pelos Lubas ou Balubas. O chefe que conduziu os Bangalas nessas campanhas foi KINGURI.

Os Bangalas não queriam ficar nesse território; queriam atravessar o Reino de Ngola para ir até ao mar; mas o Rei Ngo la Kiluange não quis; travou um combate contra os Bangalas, onde morreu o seu rei. Então os Bangalas dispersaram-se em vários grupos.

Em 1570, os jagas expulsos do Congo foram para a Matamba e para o Kwango-Lui, onde se misturaram com os Bangalas.

Em 1585 chegaram ao Kwango-Lui os Sosos, que se foram instalar mais para Oeste, na margem direita do Rio Kwanza, no seu percurso norte-sul.

Os Bangalas, os Jagas e os Sosos formaram grupos itinerantes, quer dizer, exércitos de soldados-comerciantes que andavam de região em região a fazer a "guerra do kwata-kwata" para depois venderem os escravos aos portugueses.

Mas alguns grupos itinerantes eram bons. Assim, por exemplo, o grupo do chefe Kasange ajudou Ngola Kiluange contra os portugueses. Também o grupo do chefe CAFUXE ajudou Ngola Kiluange na grande batalha de Angolene-Akitambo.

Depois, por volta de 1620 a 1630, esses grupos, sob a direcção de Kasange começaram a voltar para o Kwango-Lui onde fundaram o REINO DE KASANGE, na mesma altura em que Jinga se tornou Rainha da Matamba.

O Kasange aliou-se à Rainha Jinga nas Gerras da Segunda Coligação.

Mas em 1648, logo que os brasileiros ocuparam Luanda, o Reino de Kasange aliou-se aos portugueses; recomeçou assim o tráfico de escravos nessa região.



## 2.31 OS REINOS DO KWANGO E AS SUAS LUTAS CONTRA O INVASOR

Em 1671 governava em Ngola o Rei Ngola Ari II que não quis mais ser um fantoche. Lutou, pois, contra os portugueses, mas foi derrotado na batalha de Mpungo a Ndongo. A partir dessa altura foi o Reino da Matamba que manteve a luta contra os portugueses.

Em 1673 sobe ao trono da Matamba Ngola Kanini que - uma vez que já não podia obter apoio do Reino de Ngola, agora sob domínio português - começou a procurar alianças nos Reinos do Kwango.

Em 1680 morreu o rei de Kasange. Havia dois príncipes que queriam subir ao trono. Um deles era aliado dos portugueses, e o outro era aliado de Ngola Kanini da Matamba. Então Ngola Kanini resolve atacar o Reino de Kasange e pôr no poder o príncipe seu aliado.

Os portugueses irritados, enviam um exército contra Ngola Kanini. Mas, na grande batalha de KATOLE os portugueses foram totalmente liquidados.

Porém, em 1683, com a subida ao poder na Matamba da traidora rainha Vitória, a Matamba transformou-se em domínio de Portugal.

A partir dessa altura, a Matamba e o Kasange passaram a ser fornecedores de escravos aos portugueses. Mas, apesar disso, havia de vez em quando revoltas populares contra os dominadores, como por exemplo, em 1740.

## 2.32 A EXPANSÃO DA COLÓNIA. O PRESIDIO DE MALANGE

Em 1857 os portugueses constroem o presidio de Malange. De 1861 a 1862 os portugueses atacam o Reino de Kasange.

Em Malange os portugueses comerciavam principalmente escravos. Mas apareceu também a borracha da Lunda e do Bié e a cera do Moxico. Depois, nas suas roças de escravos, os portugueses passaram a plantar milho, feijão, jinguba, etc.

Com o crescimento de Malange, Mpungo a Ndongo perdeu a sua antiga importância.



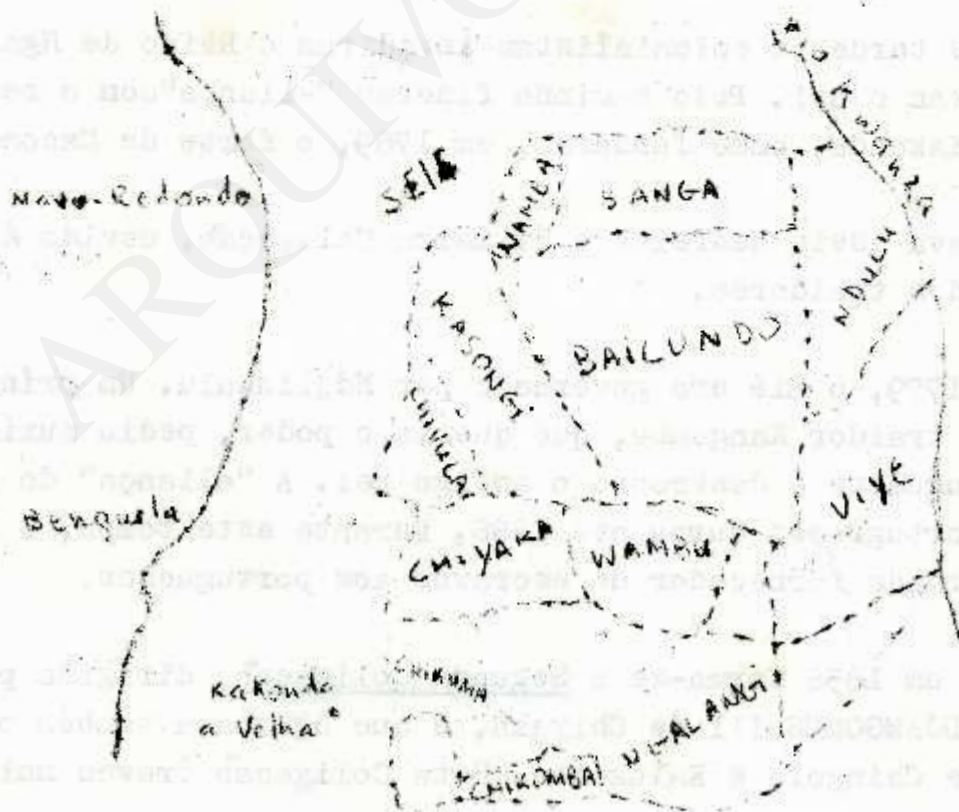
De 1886 a 1909 é construído o caminho de ferro de Luanda a Malange, para o transporte de tropas, de borracha e de milho.

Em 1915, os portugueses lançam a sua última grande campanha contra o Reino de Kasanje.

#### 2.4 OS REINOS DO CICLO DO PLANALTO CENTRAL

O primeiro reino a formar-se parece ter sido o Reino de Wambu, que teve como primeiro rei WAMBU-KALUNGU. O chefe CHILUVU foi o primeiro rei do Reino de Chiyaka. KATEKULU-MENGU foi o primeiro rei do Reino de Nãulu. O soba KATIIVALA tornou-se o primeiro rei do Reino do Bailundo. VIYE foi o primeiro rei do Reino do Bié. KAKONDA foi o primeiro rei do Reino de Kakonda.

Ainda havia outros reinos mais pequenos no sul do planalto: Ngalangi, Sambu, Chivula, Chingolo, Chikomba, Chitata, Ekokete, Chikuma, Kalukenbe, etc.





O Reino do Bailundo era o maior de todos; em 1799 agrupava 2.000 grandes aldeias. O Reino de Ngalangi tinha 900 aldeias, e o do Bié 886 grandes aldeias.

Em 1660, os portugueses, partindo de Benguela, quiseram invadir o planalto. Mas depararam com a resistência heróica do Reino de Chiyaka, governado pelo Rei KAPANGO I. Os portugueses foram derrotados. Eles ficaram muito admirados quando viram que os povos do Planalto já tinham armas de fogo. Eles não sabiam que essas armas haviam sido fornecidas pela Rainha Jinga.

#### 2.41 AS COLIGAÇÕES

Os reinos mais fortes do Planalto eram os de Bailundo, Bié, Chiyaka e Andulo.

Em 1680 formou-se a PRIMEIRA COLIGAÇÃO, constituída pelos pequenos estados da parte ocidental do planalto e dirigidos pela Chiyaka. A Coligação destruiu o forte português de Caconda-a-Velha. Os portugueses reconstruíram o forte que foi de novo destruído em 1718, e os portugueses abandonaram a região.

Mais tarde os colonialistas invadiram o Reino de Ngalangi e prenderam o Rei. Pelo caminho fizeram "aliança" com o rei traidor de Kakonda, onde fundaram, em 1769, o forte de Caconda-a-Nova.

Estava assim desfeita a Primeira Coligação, devido à sabotagem dos traidores.

Em 1779, o Bié era governado por Ndjilahulu. Um príncipe bieno, o traidor Kangombe, que queria o poder, pediu auxílio aos portugueses e destronou o antigo rei. A "aliança" do Bié com os portugueses durou até 1886. Durante este tempo, o Bié foi um grande fornecedor de escravos aos portugueses.

Mas em 1856 forma-se a Segunda Coligação, dirigida pelo Rei LUANDJAMGOMBE III de Chiyaka, e que agrupava também os reinos de Chingolo e Kalukembe. Esta Coligação travou muitas



guerras vitoriosas contra os colonialistas, apesar destes já terem construído os presídios de Kilenguos, Huila e Caconda.

Em 1876 sobe ao trono do Bailundo o grande rei EKUIKUI II. Este chefe, que era muito inteligente, resolveu aumentar a produção Agrícola e Artesanal do reino. Vendo que isolado não podia vencer os portugueses, começou a preparar-se metódicamente para a guerra, fazendo primeiro uma aliança com o rei CHIYOKA do Bié.

Os portugueses sentiram-se ameaçados. Por isso planejaram "o cerco do Bailundo e do Bié". Dentro desta perspectiva, os portugueses conquistaram, em 1886, o Reino de Ngalangi e construíram o forte de Kubango.

Chiyoka morreu em 1888; subiu ao trono o grande rei NDUN BUMA I. Ekuikui II e Ndunduma I estabeleceram uma sólida aliança contra os portugueses.

Em 1891 os portugueses atacaram de novo, armados de novas peças de artilharia fabricadas pelo monopólio alemão Krupp. Ndunduma I foi derrotado, feito prisioneiro e deportado para as Ilhas de Cabo Verde.

Os colonialistas construíram então o forte do Bié, e o Reino do Bié perdeu a sua independência.

No Bailundo a guerra continuou. Em 1893 morreu o grande Ekuikui II e sobe ao trono NUMA II que continua guerra herdicamente. Em 1896, Numa II foi morto em combate e o Bailundo perde a sua independência.

Mas, em 1902, o grande chefe MUTU-YA-KEVELA reuniu o povo do Bailundo e desencadeou uma revolta gigantesca contra os portugueses. Em 1903 essa revolta acabou, principalmente devido



ao trabalho de sabotagem dos missionários que aconselharam o povo a depôr as armas.

Lista de alguns reis do Bailundo

- Mbulu ou Chivila
- Katiavala
- Njahulu
- Somandalu
- Chingi I (de 1760 a 1776)
- Chingi II ou Chivila II (por volta de 1780)
- Ekuikui I (por volta de 1800)
- Nuna I
- Hundungulu I
- Chisende I
- Njunjulu I
- Ngungi I
- Chivukuvuku I (1835)
- Utondogi I
- Mbonge I (1842 a 1861)
- Chisende II (1861 a 1869)
- Vasovava (1869 a 1872)
- Ekongo Lichombo
- Ekuikui II (1876 a 1893)
- Katiavala (1893 a 1895)
- Nuna II (1895 a 1896)

Lista de alguns reis do Bié

- Viye
- Ulundu I
- Eyambi I
- Njilahulu I
- Kangombe I
- Kawewe I
- Mona (Vasovava II)
- Mbandua I (1833 a 1839)
- Kakembembe I (1839 a 1842)
- Liambula I (1842 a 1847)



- Kayangula I (1847 a 1850)
- Mukinda I (1850 a 1857)
- Nguvenge I (1857 a 1859)
- Konya Chilemo (1860 a 1883)
- Njambayamina I (1883 a 1886)
- Chiyoka I (1886 a 1888)
- Ndunduma I (1888 a 1890)

Lista de alguns reis da Chiyaka

- Chilulu
- Kapango I
- Atende I
- Ukolongondjo I
- Ndumbu I
- Luandjangombe I
- Mukuku I
- Chilulu II
- Handa I
- Ngalangi I
- Katutu I
- Ndumbo II
- Kamutumulua I
- Kamola I
- Atende II
- Chikoko I
- Kuvombo Inene
- Ndumbo III
- Handa II
- Njumbi (1842 a 1850)
- Luanjangombe III (1850 a 1870)
- Njundo (1870 a 1898)

2.42 O DESENVOLVIMENTO DA COLÓNIA

Em 1822 o Brasil ficou independente, e a partir dessa altura Portugal passa a controlar mais estreitamente Angola, em detrimento do Brasil.



Em 1836, a Inglaterra - que era então a maior potência capitalista - temendo a concorrência dos produtos do Brasil, mais baratos por serem produzidos por mão-de-obra escrava, impõe a Portugal a abolição do tráfico de escravos. Mas Portugal **continuou** a exportar escravos, através dos portos clandestinos do Zaire, Ngunza (Novo-Redondo) e Lobito.

O tráfico de escravos só acabou verdadeiramente em 1885 - altura da conferência de Berlim - quando é iniciada uma nova política colonial: a ocupação efectiva e a exploração das riquezas das colónias.

Portanto, na segunda metade do século XIX assiste-se a uma reestruturação da economia colonial de Angola: o tráfico de escravos e o comércio de marfim, embora continuassem, começaram a perder importância; em 1869 faz-se pela primeira vez a exportação da borracha, que acaba por dominar toda a economia colonial até 1912.

Ao mesmo tempo, nas zonas mais fortemente controladas pelos portugueses, como Luanda e Benguela, começa a surgir ao lado da economia mercantil (economia de comércio), a economia de produção, baseada no trabalho escravo e produzindo alguns bens agrícolas, como a jinguba e milho, a batata e o algodão.

Em 1680 os portugueses construíram o forte de Caconda-a-Velha ou forte da Manha. Em 1769, o presidio e forte de Caconda-a-Nova; em 1769, o forte de Novo-Redondo (Ngunza).

Em 1883 os portugueses penetram em Cabinda e compram o soba de Landana que assina o chamado "tratado de Chinfuma". Em 1885 - altura da conferência de Berlim - fazem com que alguns sobas de Cabinda assinem o chamado "tratado de Simulambuco".

Ao mesmo tempo começaram a chegar mais colonos portugueses, especialmente da Ilha da Madeira.

Em 1850 é construído o forte da Huila e a cidade de Moçâmedes.



Mas mesmo nos territórios dominados pelos portugueses havia revoltas constantes: Assim a Kisama revoltou-se em 1676, em 1688, em 1692, em 1709, em 1733 e em 1738; os Dembos revoltaram-se pelo menos em 1692, 1766, 1793, 1841, 1843, 1845, 1872.

Em 1844, por pressão dos ingleses, os portos de Angola foram abertos a barcos não-portugueses.

Em 1885, Luanda tinha 12.000 habitantes, sendo 1.700 portugueses. Aparece nesse ano o primeiro jornal angolano, "A Aurora". Mais tarde vão aparecendo outros jornais, como o "Arauto Africano", o "Fharol do Povo", o "Muen'exi", editados por intelectuais angolanos que esboçam assim as primeiras tendências do nacionalismo angolano, na sua luta contra o colonialismo português. Quer dizer, mesmo nas cidades, ali onde o colonialismo português era mais forte, o Povo Angolano sempre lutou contra o estrangeiro explorador.

## 2.5 OS REINOS DO CICLO DE MATAMAN

O ciclo de Mataman compreende a História dos povos que habitam os actuais distritos da Huila e Mocimedes, exceptuando as populações Ambos.

Nessa vasta região havia um único reino, o Reino de Mataman. Em 1570 chegam os jagas, expulsos do Congo, que invadem o reino e o dividem em dois: o Reino da Huila e o Reino de Humbi.

Esses povos viviam principalmente da criação de gado bovino, embora também cultivassem o massango e a massambala.

O Reino da Huila, que era o mais forte dos dois, tinha a sua capital em Huila; o Reino de Humbi tinha a capital em Mutano.





Em 1787 governava o rei Kanina na Huila. Depois da sua morte começaram os conflitos internos que provocaram as divisões do reino. O soba do Jau - província do reino da Huila - revoltou-se e proclamou a independência do Jau. Depois veio a independência de Chilongo (os portugueses dizem "Quilengues"), de Chipungo ("Quipungo") e de Ngambwe ("Gambos"), com a capital em Chiverba.

Também no Reino de Humbi houve muitas separações. Primeiro foi a província de Handa Kauvi, que tinha a capital em Mupa. Depois a Handa de Chipungo, cujo chefe se chamava Chimbungo. Mais tarde também as províncias de Humbi, Mulondo, e Kiteve se declararam independentes, de modo que o Reino de Humbi ficou reduzido ao Mutano e Kanda.





Todas estas transformações duraram mais de um século, portanto até fins do século XIX. A causa profunda foi a desagregação das sociedades africanas provocada pelo choque com os colonialistas invasores.

## 2.51 A AGRESSÃO COLONIALISTA

Em 1769 começou a era de resistência do Mataman.

Os portugueses começaram por fundar a povoação de Salva terra de Magos ("hoje "Quilengues"). Foi o início da agressão.

### A) As guerras do Nano

As "guerras do Nano", que tiveram início nos princípios do século XIX, eram invasões de guerreiros dos estados do planalto central, algumas vezes associados a guerreiros de Mataman, contra as posições portuguesas nas terras do Reino da Huila; também se destinavam a castigar alguns estados de Mataman que colaboravam com os portugueses.

As "guerras do Nano" dividem-se em dois grandes períodos, havendo uma longa trégua entre esses períodos.

No primeiro registaram-se as seguintes campanhas:

- Em 1803, um exército vindo da Kalukembe, no planalto **central**, atacou Quilengues controlada pelos portugueses;
- Em 1804, a segunda invasão atacou a povoação de Quilengues, o forte de Chilenge e a capital do Reino de Chilenge.

O segundo período compreende as seguintes campanhas:

- Em 1832 e 1838 deram-se duas invasões;
- Em 1848 um grande exército vindo do Uambu atacou a fortaleza da Huila e a cidade de Moçâmedes;
- Em 1849 e 1857, a Chiyaka, o Chingolo, e Kalukembe, estados do planalto central, atacaram a fortaleza da Huila;
- Em 1860 deu-se a maior de todas as invasões, que conseguiu conquistar a fortaleza da Huila e destruir em parte a cidade de Moçâmedes;
- Em 1879 registou-se a última invasão.



### B) Resistência do Reino de Ngambwe

Em 1857, os portugueses vindos do Moçâmedes atacaram o Reino de Ngambwe e foram derrotados. Em 1863 os portugueses são de novo postos em debandada. Em 1878 é infligida uma nova derrota ao exército português.

Como os portugueses tivessem visto que só muito **difícil**mente poderiam vencer militarmente o Reino de Ngambwe, decidiram comprar o traidor Kalenga. Em 1889 desencadeia-se uma guerra entre o grupo de Kalenga e o povo dirigido por Chilo-ya. Kalenga, com a ajuda dos portugueses, consegue ganhar.

Mas em 1890, o príncipe HAMAVOKO, grande herói angolano, dirige o povo contra Kalenga derrotando-o.

Os portugueses quiseram destronar o novo rei Hamavoko. Mas este teve um auxílio inesperado: apareceu o grande herói angolano ORLOG.

Em 1893 apareceu Orlog. Ele era um grande chefe de origem Bechuana e Holoio, e comandava um grande exército de Holoios e Khoi-San ("Hotentotes"). De início, Orlog atacava tanto os angolanos como os portugueses. Mas depois que se aliou a Hamavoko passou unicamente a atacar portugueses. Orlog era um grande estratega, era um génio militar.

Orlog e Hamavoko derrotaram muitas vezes os portugueses. So em 1904, depois da morte de Orlog, os portugueses conseguiram chegar a Chivemba e construir ali uma fortaleza.

### C) Resistência do Reino do Humbi

Em 1858 o povo de Humbi revoltou-se contra o seu rei Chingi, lacaio dos portugueses. Chingi, atrapalhado, mandou o seu sobrinho Chipalanka a Moçâmedes pedir auxílio aos portugueses. Mas Chipalanka viu em Moçâmedes como os portugueses tratavam os angolanos. Por isso quando regressou a Humbi aderiu à revolta contra o tio e tornou-se rei.

Assim, a partir de 1858, começa a resistência aos portugueses no Reino de Humbi, comandada pelo grande herói angolano CHIPALANKA.



Mas este rei morreu e em 1861 sucedeu-lhe o traidor Chin gualulo. Porém, logo depois estala uma nova revolta popular dirigida pelo grande CHIANA, que no entanto acaba por ser des tronado pelos portugueses.

Rebenta nova revolta popular dirigida pelo grande CHAHUN GU, que atacou, embora sem sucesso, o forte da Huila. Em 1886, Chahungu é morto por um traidor, Choia, que ficou rei.

Até que rebenta uma nova revolta popular comandada pelo grande herói angolano LUHUNA que se tornou rei.

Assim, em 1893 formou-se a grande aliança entre Hamavoko (Ngambwe), Orlog e Luhuna (Humbi)., que derrotou várias vezes os portugueses.

Em 1895 o Humbi foi atacado por peste bovina e em 1915 houve uma grande seca. Por isso o Reino ficou fraco. Em 1915 os portugueses conquistaram Mutano, a capital do Humbi.

## 2.52 O DESENVOLVIMENTO DA COLÓNIA ATE 1915

Em 1845 os portugueses fundam o presidio da Huila. Em 1867 fundam a povoação da Bibala, entre a Huila e Moçâmedes, no meio das populações Helelo. Em 1885 chegam novos colonos ao Lubango (Sa da Bandeira).

Em 1904 começa a construção do caminho de ferro de Moçâmedes, que só chega, porém, a Lubango em 1926.

## 2.6 CICLO DO KUNENE-KUBANGO

Este ciclo compreende a História das populações angolanas que habitavam a região situada entre os rios Kunene e Kubango (e que eram chamadas "Ova-mbo"pelos Helelos).

Estuda-se neste ciclo a Historia das populações Dombondola, Kwamatui, Kwanyama, Evale e Kafima. Viviam principalmente da pastoricia, mas também faziam o cultivo do solo e exerciam o artesanato.

### A) Reino do Kwanyama

Foi o reino mais importante deste ciclo. Teve como primeiro chefe o rei KAVONGEKA.

Alguns reis do Kwanyama foram: Kavongeka, Kupuleko,



Haitalamuvalo, Hautolondo, Mutola, Sikanangua, Hamangulo, Simbilinge, Hainbili (morto em 1865), Haikukuto, Siefeni, Sipan deka (morto em 1882), Namadi (morto em 1885), Woyulu (morto em 1904), Nande (morto em 1911), Mandume (morto em 1917).

#### B) Reino de Kwamatui

Este reino dividiu-se em dois no século XIX: o Pequeno Kwamatui (ao sul) e o grande Kwamatui (ao norte), devido a um conflito na sucessão ao trono.

Alguns reis do Pequeno Kwamatui foram:

- Haikela
- Sakutia
- Sakhula

Alguns reis do Grande Kwamatui foram:

- Satona
- Oikhula
- Sihetekela

#### C) Reino de Evale

Também se dividiu em dois reinos, separados pelo rio Kuvelai.

Os outros reinos eram o de Dombondola e de Kafina.

### 2.61 AGRESSÃO COLONIALISTA

Nos princípios deste século XX, os alemães - ao mesmo tempo que se preparavam para a primeira guerra mundial - faziam preparativos para ocupar, pelo menos, o Sul de Angola. Por isso vendiam algumas armas de fogo antigas aos povos do Sul de Angola, para que esses povos combatessem os portugueses. Este é mais um exemplo das contradições no campo imperialista. Os povos angolanos aproveitaram-se destas armas para afirmar a sua independência, tanto perante os portugueses, como perante os alemães.

Em 1915 os portugueses comandados por um tal Pereira de Eça atacaram de surpresa Ngiva; a capital do Reino Kwanyama, conquistando a cidade.



Mas os Kwanyamas - superiormente dirigidos pelo grande herói angolano MANDUME - não desmoralizaram. Organizaram-se bem, compraram mais armas aos alemães e desencadearam uma grande guerra contra os portugueses, saindo várias vezes vencedores.

Simultaneamente os alemães penetraram em território angolano e venceram os portugueses na batalha de Naulila.

Os portugueses mandaram vir reforços e derrotaram o exército de Kwamatui na batalha de Mufilow.

Em 1917, os portugueses atacaram de novo. Mandume foi atraído por alguns dos seus subordinados. Para não cair nas garras do inimigo, resolveu suicidar-se.

Mas Mandume, o "cavaleiro incomparável", permanece bem vivo na memória de todos os angolanos.

## 2.7 CICLO DA LUNDA

Fazem parte deste ciclo os povos do Nordeste de Angola: Lunda, Chokwe, Kinge e Minungo.

### A) Império Lunda

O império Lunda foi fundado por MWATIANVUA. Por causa disto, todos os reis da Lunda passaram a chamar-se Mwatianvua.

Ao lado do rei havia a Lukocheka, "a mãe de todos". O império estava dividido em duas partes: uma era governada pelo Mwatianvua, e outra pela Lukocheka. Por aqui se vê que a mulher tinha muita força no império Lunda.

O Mwatianvua era assistido por uma assembleia popular (onde não participavam os escravos), que decidia os principais assuntos.

O sucessor do rei era escolhido por quatro ministros entre os irmãos do rei.

### B) Reino Chokwe

A tradição oral conta que os Chokwe vieram estabelecer-se do lado esquerdo do rio Kasai, onde já se encontravam os Lunda. Por isso os Lunda obrigaram-lhes a pagar imposto.



Os Chokwe não gostaram disso, e assim nasceram sérios conflitos entre estes dois povos. Assim os Chokwe resolveram espalhar-se mais para sul, enquanto que os Xinge e os Minungo se dirigiram para oeste, fixando-se nas margens do rio Kwango.

No seu trajecto para o Sul, até a fronteira com o Sudoeste Africano, os Chokwe entraram em conflito com vários povos, entre eles os Luchaze, Luvale e Mbunda.

Por volta de 1862 surgiu o chefe MWACHISENGE WA TEMBO que dirigiu os Chokwe durante vários anos.

Em 1920 deu-se uma grande batalha entre os Chokwe e os portugueses, em kelendende, ficando os Chokwe derrotados.

## 2.8 CICLO DO KWANDO-KUBANGO

O ciclo do Kwando-Kubango engloba todos os povos do território compreendido entre os rios Kwando e Kubango: Kwangali, Chokwe do Kwando-Kubango, Luchaze, Kangala, etc.

### A) Reino de Sindji

O Reino de Sindji teve como primeiro chefe o rei MPENGO. Os limites do Reino eram:

- ao Norte, o povo Lwimbi, que ficava separado pelas nascentes do rio Kwanza;
- a Leste ficava Menonge, onde viviam os Ambwela;
- a Sul, o Reino estendia-se até ao rio Kubango;
- a Oeste estendia-se até ao rio Kolui, afluente do Kubango;
- a Noroeste ficavam os Reinos do Bié e do Ngalango.

O Reino de Sindji tinha varias provincias, que eram Mpen<sup>go</sup> - a provincia principal, ficava no centro do pais e tinha a capital no Sendji, nas margens do rio Kuxi;

Ngondjelo - a provincia do Norte; confinava com os Lwimbis e os Reinos do planalto central; havia ferro no Kukwe ma;

Chisokola - provincia do Leste, tinha a capital em Katota;

Masaka - provincia do Sul, situava-se junto das margens do Kubango e do Kwebe (afluente do Kubango)

Katoko - provincia do Oeste, tinha a capital no Kubango.

Mais tarde as provincias separaram-se formando reinos independentes. A primeira a separar-se foi Katoko, formando o Reino do Kubango. Masaka formou o reino do Masaka ou Lusinga.



## 2.81 A AGRESSÃO COLONIALISTA

Os portugueses começaram por enviar missões católicas ao Kwando-Kubango.

O Rei do Kubango, CHIHWAKO, que já sabia quem eram os colonialistas, expulsou os padres e os colonialistas do seu território.

Pelo contrário, o rei do Sendji, Mukuva, recebeu os portugueses.

A rainha LUSINGA que governava o Reino de Masaka, apoiou o Rei Chihwako.

Em 1915, o padre Lecompte, que tinha sido expulso do Reino do Kubango, voltou com um exército. Travaram-se várias batalhas heróicas.

Os heróis Chihwako e Lusinga morreram em combate.

## 2.9 CICLO DO PLANALTO ORIENTAL

O ciclo do Planalto Oriental compreende a História dos povos que habitam o actual distrito do Moxico: Luchaze, Luvalle, Mbunda, Kangala, Chokwe do Moxico.

### A) Reino Luchaze

O primeiro rei foi CHIWEKA MUTUNDA. Sucederam-lhe no trono vários reis que tomaram para si o nome dinástico de Chiweka.

#### Lista de alguns reis Luchaze:

- Kawewe (Chiweka Mutunda)
- Mbandwe
- Kwenya
- Chiliva
- Ngongola
- Kabalata

Quando o exército português chegou, em 1915, estava Kabalata no poder. Travaram-se renhidas batalhas, acabando o grande rei Kabalata por ser morto na batalha de Kwuito-Kwanavale. Os seus lugares-tenentes, Kanyangula e Katolo foram mortos, respectivamente, nas batalhas de Kangamba e Kwuito-Kwanavale.



Ainda hoje esta ben viva na memória das populações angolanas a imagem do grande herói Kabalata.

### B) Reino Mbunda

A primeira rainha foi Mwee Mpande (mwee=chefe).

A Mwee Mpande sucedeu-lhe sua filha, Mwee Ngambo, e depois a sua filha, Mwee Katabola. A partir dessa altura, os sucessores dinásticos são homens, sobrinhos do rei falecido.

#### Lista de alguns reis Mbunda:

- Mwee Mpande
- Mwee Ngambo
- Mwee Katabola
- Mwee Swana Katabola
- Mwee Chiteta
- Mwee Mbando (morto em 1915)
- Mwee Kazungo

Quando o exército português chegou, em 1915, estava Mwee Mbando no poder.

Após de um ano de guerras violentas, os portugueses não conseguiram vencer o Reino Mbunda. Por isso resolveram utilizar a traição. Compraram um membro da família real que traiu Mwee Mbando, que foi assim preso nas margens do rio Lwata e levado para Benguela.

Ainda hoje se encontram armadilhas e trincheiras, testemunhos materiais da heróica guerra levada a cabo pelas corajosas populações Mbunda contra o agressor colonialista.

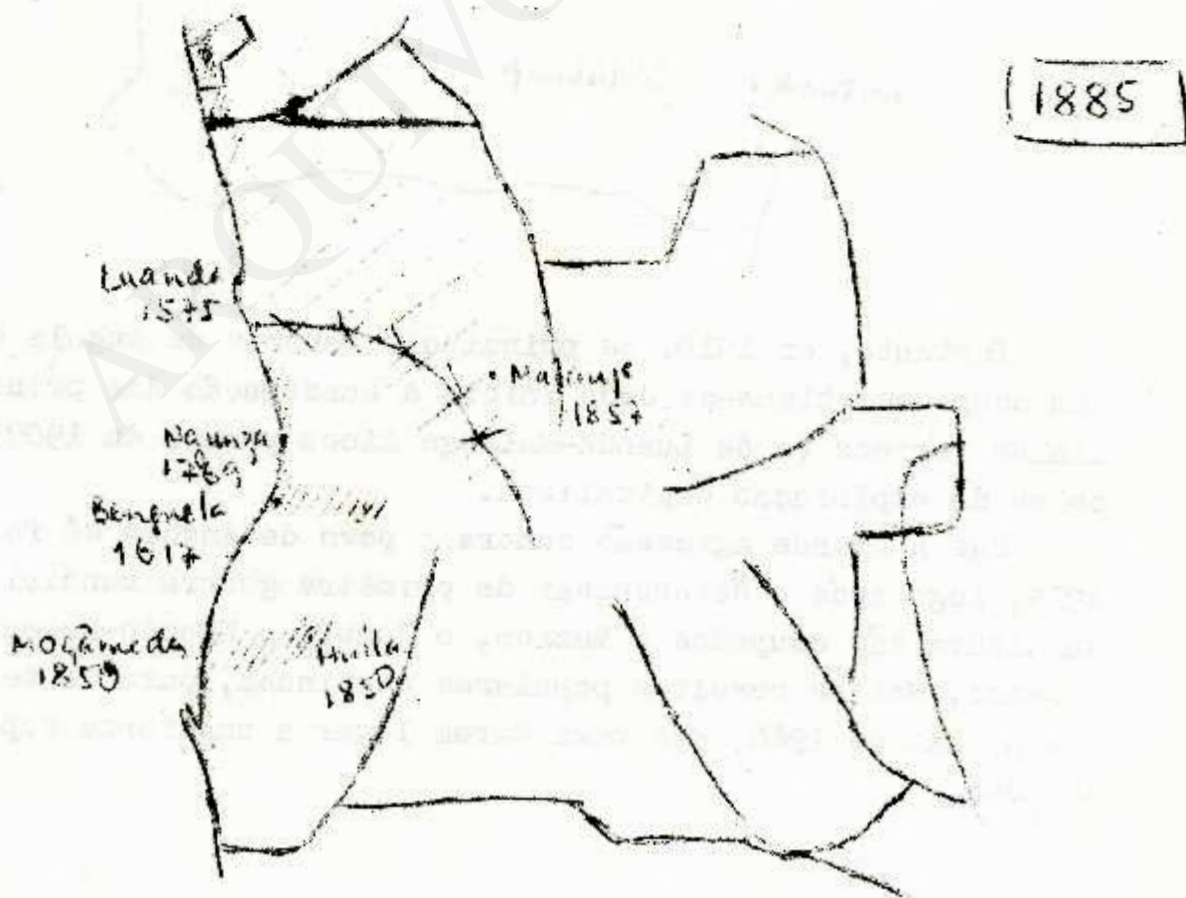


### 3. A CONFERÊNCIA DE BERLIM E A OCUPAÇÃO MILITAR DO TERRITÓRIO

Nos fins do século XIX as potências europeias já tinham atingido a fase do imperialismo..Interessava-lhes, por isso ocupar militarmente Africa para extrair as suas matérias-pri<sup>ma</sup>s, e não mais fazer de Africa um simples reservatório de escravos. A partir dessa altura convinha aos imperialistas que os Africanos ficassem em Africa para serem explorados no seu próprio continente.

Por isso reuniu-se em 1885 em Berlim, capital da Alemanha uma conferência das potências imperialistas europeias (Portugal também fêz parte) na qual Africa foi dividida como se fosse um bolo. A Conferência de Berlim decidiu também que cada país europeu devia ocupar militarmente as suas colônias africanas e dar início à sua exploração capitalista.

Nas vésperas da conferência de Berlim, as áreas de Angola controladas pelos portugueses eram relativamente pouco extensas, como se pode ver no mapa de baixo.





As áreas tracejadas eram as únicas controladas pelos portugueses em 1885, e mesmo assim muito mal controladas: as revoltas populares, nas regiões ocupadas, sucediam-se ininterruptamente. A ocupação portuguesa limitava-se essencialmente a alguns fortes espalhados pelo território ocupado.

Após a conferência de Berlim todas as potências europeias fizeram grandes ofensivas militares em África. Por isso em 1910 a situação de Angola é diferente.



Portanto, em 1910, os principais centros de Angola estavam ocupados; tinha-se dado início à construção das principais linhas férreas (a de Luanda-Malange ficou pronta em 1909), símbolos da exploração capitalista.

Mas a grande agressão contra o povo de Angola só foi em 1915, logo após o desencadear da primeira guerra mundial. Nessa altura são ocupados o Moxico, o Humbo, o Kwando-Kubango e o Namange. Mas as revoltas populares continuam, para só terminar no ano de 1940, mas para darem lugar a uma forma superior de luta.



#### 4. A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA DE ANGOLA

Em 1910 assiste-se à implantação da república em Portugal e concomitantemente à revolução burguesa portuguesa. Portugal sai do feudalismo e entra no capitalismo.

Em 1912 chega à Angola o governador Norton de Matos com poderes especiais para pôr em execução as ideias capitalistas do novo regime. A partir dessa data assiste-se, pois, a uma transformação das estruturas de Angola.

O chamado "imposto indígena", que havia sido decretado em 1906, toma agora um grande vulto pois passa a ter um significado político (ele significa a "submissão total das populações ao estado colonial"), ao mesmo tempo que se transforma rapidamente na principal fonte de receitas do estado colonial em Angola.

Em 1912 o tráfico de escravos para o Brasil está praticamente terminado. Continua, no entanto, sob uma nova forma, a venda de "contratados" para as roças de S. Tomé. Este crime provocou, de 1913 a 1917, a grande revolta popular no distrito angolano do Congo, dirigida por ALVARO TULANTE BUTA. Os portugueses foram obrigados a parar com a venda de "contratados" para S. Tomé, para a retomar mais tarde com a instalação do fascismo de Salazar.

Antes da revolta de Tulante Buta, já os portugueses tinham sofrido pesadas derrotas nos Dembos em 1906 (exército português comandado por João de Almeida) e em 1909 (exército português comandado por David Magno). Só em 1918 conseguiram os portugueses dominar verdadeiramente os Dembos.

Em 1917 estala a revolta do Seles, em 1924 de Amboim, e em 1925 do Amoriz. Finalmente em 1940 há a última grande revolta no Kubal.

Em 1912 a exportação da borracha deixa de ter significado.

Em 1903 inicia-se a construção do caminho de ferro de Benguela, que só chega, porém, à fronteira em 1928 e só em 1931 é ligada ao caminho de ferro do Katanga.



De 1905 a 1923 construiu-se o caminho de ferro Moçâmedes-Lubango (Sá da Bandeira).

Em 1918 funda-se a companhia das minas de cobre do Benbe, que não chega a exercer grande actividade.

De 1922 a 1940 constrói-se o caminho de ferro do Amboim. Em 1917 é fundada a Diamang, para a exploração dos diamantes da Lunda.

Em 1926 é fundado o "Banco de Angola", que sucede ao "Banco de Angola e Metrópole".

A Diamang (controlada pelo monopólio inglês De Beers) e a companhia do caminho de ferro de Benguela (controlada pelo monopólio inglês Tanganyika Concessions), marcam o coneço da penetração imperialista em Angola. Tratava-se, principalmente, de capital inglês, pois foi a Inglaterra que garantiu a Portugal a manutenção das suas colónias contra as tendências expansionistas da Alemanha.

A política económica iniciada em 1912 visa a produção de produtos agrícolas tropicais e de matérias-primas industriais para a exportação. É pois uma economia profundamente deformada, é um simples apêndice das economias dos países imperialistas.

Assim, até ao fim da 2ª guerra mundial o primeiro produto de exportação foi o milho cultivado no planalto central; depois disso o primeiro lugar foi ocupado pelo café das montanhas setentrionais, vindo em segundo lugar os diamantes da Lunda.

85% da produção do café é controlada pelos colonos e companhias coloniais. A mais importante delas é a CADA, ligada ao monopólio francês Banque Rallet.

A partir dos anos 50, com o recrudescimento das actividades nacionalistas, os colonialistas portugueses entregaram ainda mais as riquezas de Angola aos monopólios internacionais, tentando assim obter o apoio das potências imperialistas na sua aventura colonial. Fundam-se, então, mais duas empresas mineiras: a Petrangol (filial da Petrofina, belga) que explora



o petróleo da região de Luanda, e a companhia mineira do Lobito (filial da Krupp, alemã) que explora o minério de ferro de Kassinga (Huila) e de Kwima (Huambo).

Desde os tempos de Norton de Matos que os portugueses querem fazer de Angola uma colónia de povoamento europeu. De 1900 a 1940, a população branca passou de 9.000 a 44.000 indivíduos; até 1960 passou para 170.000 indivíduos, e hoje o seu número eleva-se a 350.000 indivíduos (inclusivé os soldados).

Foi posta em prática a política criminosa de colonatos brancos (como na Ceta e Matala); os angolanos são expulsos das melhores terras, onde são instalados colonos portugueses beneficiando de toda a protecção técnica e financeira do estado colonial.

Os salários em Angola são os mais baixos de toda a África. O "imposto indígena" é muitas vezes superior ao ordenado mensal. A taxa de exploração na Diamang é superior a 800%. As taxas de analfabetismo e de mortalidade são as mais elevadas de toda a África. Tal é o cruel inventário da permanência portuguesa em Angola, para o Povo Angolano.

Mas por isso mesmo o Povo Angolano nunca deixou de lutar contra a opressão, mantendo assim bem viva a chama dos heróis do passado, Bula Matadi, Rainha Jinga, Mandume, Hamavoko, Orlog, Ekuikui, Ngola Kiluange, Tulante Buta, Ndunduma, Mutu ya Kevela, Mwee Mbando, Kabalata e tantos outros.



5. O NACIONALISMO ANGOLANO. O 4 DE FEVEREIRO. A ETAPA DA REVOLUÇÃO OU DO ~~MILIT~~ PODER.

Vimos no capítulo anterior que o nacionalismo angolano tem as suas raízes ~~nas~~ lutas do passado e nos exemplos dos heróis angolanos.

Também já sabemos que nos fins do século XIX aparecem os percursores do nacionalismo angolano moderno; eram intelectuais angolanos, que desenvolviam a sua actividade através de escritos vários.

Assim aparece em 1822 o primeiro jornal angolano, chamado "O Futuro de Angola", escrito em kimbundo e português. Em 1855 é fundado um outro jornal, "A Aurora". Depois aparecem o "Arauto Africano", o "Faro do Povo", o "Muen'ext", o "Kambaria Ngola", o "Farolim", e muitos outros.

Surgen grandes jornalistas como Fontes Pereira, Mattoso da Câmara, Salles Almeida, etc. Aparecem escritores e poetas como Pedro Machado e Cordeiro da Matta.

Em 1896 formaram-se novas tendências literárias que lutaram contra o trabalho forçado, contra a ignorância dos povos, contra a subordinação da mulher, etc. Falavam já na Pátria Angolana, embora ainda não tocassem no problema da independência. Estas tendências tinham os seus representantes <sup>ilustres</sup> mais em Silvério Ferreira, Paixão Franco, Vieira Lopes, Apolinário e Domingos Van-Dunen, etc.

Em 1929 formam-se já duas organizações Angolanas: a LIGA NACIONAL AFRICANA e o Grémio Africano que mais tarde se transformou em ASSOCIAÇÃO DOS NATURAIS DE ANGOLA - ANANGOLA.

Porém, em 1926 há um golpe de estado fascista que acaba por pôr Salazar no poder. Mas só em 1933 se impõe definitivamente em Angola as novas estruturas do fascismo, e que se traduzem pelo ultra-colonialismo.

Desta forma o trabalho nacionalista legal torna-se muito mais difícil. Apesar disso ainda surgem as revistas MENSAGEM (1949) e CULTURA (1957) e com elas o vasto movimento cultural VAMOS DESCOBRIR ANGOLA, visando a consciencialização política das massas.



Em 1954 é fundada na cidade do Huambo a ASSOCIAÇÃO AFRICANA DO SUL DE ANGOLA.

Apesar da sabotagem da Pide, em todas estas organizações desenvolve-se um trabalho semi-legal e ilegal mais ou menos profundo.

Mas todo esse trabalho efectuado pelos intelectuais não seria possível se não assentasse sobre uma base firme: a actividade crescente das largas massas populares no campo e nas cidades. Até 1940, as revoltas populares sucedem-se; paralelamente e posteriormente desenvolvem-se outras formas de acção das massas, que embora terminassem frequentemente com massacres, desterros e prisões, não deixavam de se repetir e de ganhar amplitude.

Porém, o passo decisivo foi dado em 1953 com o aparecimento do primeiro partido nacionalista angolano clandestino, o PLUA (Partido da Luta Unida de Angola) que se junta a outras organizações como o MIA (Movimento para a Independência de Angola) para fundarem em 1956 o MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA -(MPLA).

Mais tarde, em 1958, o MINA (Movimento para a Independência Nacional de Angola) funde-se ao MPLA.

No dia 4 de Fevereiro de 1961, os militantes do MPLA e outros patriotas dão início à luta armada do Povo Angolano, ao atacar as prisões de Luanda.

Hoje as regiões libertadas estendem-se cada vez mais, ao mesmo tempo que a "colónia" se vai retraindo. Desencadeou-se assim um processo inverso ao dos séculos passados.

Nas regiões libertadas constroi-se uma vida nova, livre da exploração. Coexistem assim, actualmente, em Angola, dois poderes: o poder colonial decadente e o novo poder revolucionário. É a época da Revolução.

Esta etapa terminará inevitavelmente com o triunfo do poder revolucionário, com a VITÓRIA DO POVO ANGOLANO E DO SEU PARTIDO DE VANGUARDA, O MPLA.



## A HISTÓRIA DE ANGOLA É UMA ARMA CONTRA OS COLONIALISTAS E OS IMPERIALISTAS

Como conclusão, faremos algumas críticas às falsas interpretações históricas dos colonialistas e imperialistas, que pretendem fazer dobrar os factos às suas exigências imediatas.

A HISTÓRIA é um processo ininterrupto em que a Humanidade vai passando das formas inferiores às formas superiores da sociedade. Já é do nosso conhecimento que o comunismo primitivo deu lugar à escravatura, e depois ao feudalismo, capitalismo e finalmente ao socialismo. Este processo é provocado por causas bem determinadas, as contradições sociais, e em primeiro lugar pela contradição entre forças produtivas e relações de produção, que se exterioriza - em determinado momento - na contradição de classes.

Angola conheceu o comunismo primitivo e a escravatura. Os colonialistas impuseram um novo tipo de sociedade, o capitalismo, de sorte que Angola "salta" o modo de produção feudal.

A luta de libertação nacional retoma o processo evolutivo, não mais como um factor imposto do exterior, mas como uma necessidade interna, emergindo do próprio nível de desenvolvimento atingido pela Angola dos nossos dias.

Assim, o "slogan" dos colonialistas de que "não há ventos da história" é em tudo idêntico ao dos padres do século XVI quando afirmavam que a Terra não poderia rodar, embora de facto ela rode e a ciência da época já o tivesse provado.

A HISTÓRIA DE ANGOLA é ainda bastante mal conhecida. Pior todavia, as falsificações dos colonialistas sucedem-se.

No entanto, esperando pela grande História que será elaborada depois da independência - uma vez que se esteja de posse de todos os dados reais e escritos - as necessidades da luta impõem desde já que o MPLA elabore uma História de Angola a título provisório.

Não nos admiremos portanto, que não se faça referência a muitos acontecimentos decisivos, que inúmeros heróis do



passado nem sequer sejam mencionados e que só se conheçam alguns reis de cada Reino.

De qualquer forma o que está feito é o suficiente para desmascarar as principais deturpações das histórias de Angola dos colonialistas.

OS COLONIALISTAS, tentando perversamente justificar a sua empresa escravagista, afirmam que não são os culpados da escravatura em Angola, porque antes de chegarem ao nosso país já havia escravos.

Mas a argumentação é falaciosa, porque, em primeiro lugar, todos os povos do mundo atravessaram a étape escravagista; a escravatura não é nada de específico à Africa.

Em segundo lugar, porque quando os colonialistas chegaram, a escravatura ainda estava pouco desenvolvida em Angola, os homens livres ainda eram a maioria esmagadora da população.

Em terceiro lugar, porque não se pode confundir, de forma alguma, escravatura interna com escravatura externa. A segunda forma é infinitamente mais brutal, principalmente se o escravagista se encontra num nível mais avançado de evolução social. Além disso, quando se trata da forma interna, o trabalho escravo vai desenvolver o país natal, e por consequência criar as condições objectivas para o desaparecimento da própria escravatura; enquanto que no nosso caso, o suor e o sangue dos Angolanos iam adubar as terras da América.

O tráfico de escravos africanos, praticado pelos colonialistas europeus é o episódio mais doloroso de toda a História da Humanidade.

A "GRANDE DESCOBERTA" do ex-ditador Salazar é que Angola só poderia continuar a ser Angola enquanto continuasse subjugada a Portugal, porque caso contrário seria palco de dilacerantes guerras tribais! Quer dizer, os colonialistas especulam com o facto de que antes da sua chegada não existia a Nação Angolana.

Porém, os processos sociais são independentes da vontade dos colonialistas. A Nação angolana desenvolveu-se em



virtude da dinâmica das relações capitalistas, não obstante as manobras tribalistas dos exploradores.

Os colonialistas utilizaram sempre todos os meios ao seu alcance para impedir o desenvolvimento da Nação angolana. Mas apesar disso a Nação formou-se e está a consolidar-se no decorrer da luta de libertação nacional. Portanto, os colonialistas podem estar certos que, depois da sua... , o Povo angolano viverá em paz e harmonia.

UM OUTRO INIMIGO do nacionalismo angolano são os grupos fantoches que se encontram no estrangeiro, e que têm feito tudo por destruir a unidade do Povo angolano, cimentada à custa de muito sangue heroico.

Convém aos seus patrões imperialistas que as querelas tribais sejam aticadas para extrair todo o conteúdo à luta de libertação nacional. Com efeito, os imperialistas querem impedir a unidade e a consciencialização do Povo angolano, para puderem continuar a pilhagem do nosso país.

Por um lado os imperialistas ajudam material e moralmente os colonialistas portugueses. Mas por outro lado, financiam grupos fantoches no exterior, alimentando a esperança de que eles possam vir a substituir os portugueses, em caso de necessidade.

É evidente, pois, que a luta de libertação nacional do Povo angolano se desenrola em condições muito complexas. O MPLA sempre chamou a atenção do Povo para esse facto, não para o desmoralizar, mas para o consciencializar e mobilizar. Porque o MPLA está certo de que um Povo consciente consegue sempre derrubar todas as barreiras.

A VITÓRIA É CERTA.



ARQUIVO L. LARA